

## ESPIRITUALIDADE, HOMOEROTISMO E MORTE EM *CRÔNICA DA CASA ASSASSINADA E GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

Hercules Alberto Oliveira

Só as pessoas realmente fortes podem viver na realidade definitiva das coisas; quase todo mundo vaga numa atmosfera morna de fantasia.

Lúcio Cardoso (*Diário do terror*)

Nesses dois romances do final da década de 50, a experiência homoerótica manifesta-se, inequivocamente, como uma forma de espiritualidade.

Em *Crônica da casa assassinada*, essa experiência homoerótica é vivenciada pela personagem Timóteo, da família dos Meneses, figura que vive reclusa em seu quarto, na Chácara da família, vestida com roupas femininas, crendo-se possuída pelo espírito de uma antepassada de hábitos viris e transgressores, Maria Sinhá. Sua atitude de resistência muda à família, no encarceramento de seu quarto, de onde apenas mantém contato com Betty, a governanta da casa, e posteriormente com Nina, depois de sua chegada à Chácara, é uma afronta à hipocrisia daquela casa habitada pela morte, imbuída de falsos valores e mergulhada em preconceitos, em lento e inexorável processo de decomposição, “do qual o câncer que corrói Nina, personagem que é o centro de todos os ódios e amores dos outros personagens, é não apenas uma vigorosa metonímia, mas o anúncio como que palpável do fim de uma classe social, a oligarquia escravagista, e de seu respectivo universo de sentidos e valores”<sup>1</sup>.

Percebe-se um caráter transgressor no comportamento de Timóteo, que vai muito além do âmbito da mera satisfação pessoal, projetando-se conscientemente como denúncia e anúncio:

“- Houve tempo – disse ele quase de costas para mim – houve tempo em que achei que devia seguir o caminho de todo o mundo. Era criminoso, era insensato seguir uma lei própria. A lei era um domínio comum a que não podíamos nos subtrair. Apertava-me em gravatas, exercitava-me em conversas banais, imaginava-me igual aos outros. Até o dia em que senti que

---

<sup>1</sup> BARCELLOS, José Carlos. “Identidades problemáticas: configurações do homoerotismo masculino em narrativas portuguesas e brasileiras (1881-1959). *Boletim do Centro de Estudos Portugueses*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v. 18, n. 23, pág. 32, julho/dezembro, 1998.

não me era possível continuar: por que seguir leis comuns se eu não era comum, por que fingir-me igual aos outros, se era totalmente diferente? Ah, Betty, não veja em mim, nas minhas roupas, senão uma alegoria: quero erguer para os outros uma imagem da coragem que não tive. Passeio-me tal como quero, ataviado e livre, mas aí de mim, é dentro de uma jaula que o faço. É esta a única liberdade que possuímos integral: a de sermos monstros para nós mesmos.

Silenciou, dominado pela emoção. Depois, mais baixo, como se o dissesse apenas para si próprio:

- Foi a isto que eles reduziram o meu gesto, Betty. Transformaram-no na mania de um prisioneiro, e estas roupas, que deveriam constituir o meu triunfo, apenas adornam o sonho de um homem condenado. Mas um dia, está ouvindo? – um dia eu me libertarei do medo que me retém, e mostrarei a eles, ao mundo, quem na verdade eu sou. Isto acontecerá no instante exato em que o último dos Meneses deixar pender o braço num gesto de covardia. Só aí terei forças para gritar: ‘Estão vendo? Tudo o que desprezam em mim, é sangue dos Meneses!’ “<sup>2</sup>

Segue-se o diálogo com Betty, em que Timóteo explicita ainda mais o sentido espiritual de sua postura, numa linguagem que, segundo Barcellos (1998), ecoa textos fundadores do Cristianismo, muito particularmente o Evangelho de São João:

“ – São coisas muito altas para mim, Senhor Timóteo. Em todo caso, se para o senhor a felicidade consiste nisto...

Com um movimento quase de violência voltou-se para mim, enquanto uma sombra descia à sua face:

- Não, Betty, não é de felicidade que se trata. Não afrontaria ninguém se fosse apenas por causa da felicidade. Mas é da verdade que se trata – e a verdade é essencial a este mundo.”<sup>3</sup>

Timóteo encarna o homoerotismo como transgressão, ou seja, inversão e deslocamento de valores e de sentidos. Sendo concebida como forma de espiritualidade e, portanto, alçada à condição de verdade absoluta da personagem, a experiência homoerótica unifica todo um mundo disperso, convertendo-se simultaneamente, ainda segundo Barcellos (1998), em eros universal, anamnese e antecipação profética do novo. É de observar, no entanto, que o sistema de poder, em suas instâncias social e cultural, defende-se continuamente, tentando enquadrar a transgressão num esquema qualquer, disciplinando-a e privando-a de seu impacto contestador.

É contra esse tipo de enquadramento e domesticação do homoerotismo que Timóteo luta.

Seu triunfo ocorre na cena em que vai ao velório de Nina, sua cúmplice no processo de demolição paulatina dos valores institucionalizados da família Meneses, carregado numa rede por

---

<sup>2</sup> CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, pág. 56.

<sup>3</sup> Idem, ibidem, pág. 58.

três negros, numa autêntica paródia da sociedade escravocrata. Esse triunfo é reconhecido, inclusive, pelo irmão Valdo, em seu relato, mas tem um preço muito alto: a total entrega da personagem à sua verdade, num processo que atinge as proporções de um autêntico martírio, de um impávido testemunho. Nesse romance, o homoerotismo não é um caminho fácil, tranquilo, mas sim uma experiência dilacerante, feita de renúncia, exílio e diligência, o que permite uma aproximação com aquilo que María Ángeles Toda Iglesia<sup>4</sup> chama de “falha trágica”, mostrando que o discurso do destino trágico é uma herança mais duradoura do modelo romântico, até o ponto de não somente ser inevitável a queda de novos heróis trágicos, como também de ser impossível, durante muitos anos, imaginar qualquer outro tipo de final para eles. Timóteo, portanto, é portador dessa “falha trágica”, que carrega em si não só a idéia de condição, mas a de identidade, vivendo numa atmosfera de tragicidade que, sem dúvidas, aponta para o mito do homem homossexual como ser superior, membro de uma raça a uma só vez eleita e maldita.

María Ángeles ressalta, ainda, que a teoria, cada vez mais difundida, da inevitabilidade da condição homossexual, acaba por mitificar o homoerotismo, por conta do destino fatal a que este se liga no contexto de algumas obras literárias, como é o caso da *Crônica*.

A renúncia do amor de Timóteo por Alberto, o jardineiro jovem e viril da Chácara dos Meneses, é outro indício dessa espiritualidade marcada pelo sofrimento. Timóteo contenta-se com a visão de Alberto, através da janela de seu quarto, sem desejar qualquer aproximação física com este, consciente do amor que o jovem nutre por Nina, a mulher que veio da cidade grande (Rio de Janeiro) e mãe supostamente incestuosa. A ligação que se estabelece entre Timóteo e Nina tem um caráter transcendental, pois ambos negam veemente os valores institucionalizados pela família Meneses, num atitude constante de denúncia e de contestação, acordando uma

---

<sup>4</sup> TODA IGLESIA, María Ángeles. “That horrible, horrible fate of mine!”: el héroe homosexual en el decadentismo. *Stylistica*, Sevilha, n.4, p. 85-91, 1995-1996.

espécie de “pacto de destruição”, pelo qual lograriam a dissolução completa daquela família e de seus falsos valores burgueses.

As atitudes transgressoras de Timóteo e Nina, como já dito, desmascaram violentamente a hipocrisia e a vacuidade do universo decadente dos Meneses, sendo ambas as personagens prenunciadoras de um mundo novo, livre de hierarquias e preconceitos.

Importa frisar que todo esse processo de mudança no seio daquela família liga-se inextricavelmente à idéia de morte, entendida aqui como movimento de transformação, pelo qual se chega à verdade que subjaz, escondida, dentre os escombros da hipocrisia, dos falsos valores, da vacuidade e da falta de sentido. Pode-se perceber isso através, por exemplo, do suicídio de Alberto, o jardineiro, diante da impossibilidade da posse amorosa de Nina, ou a própria morte lenta e agonizante desta, cujo câncer é o prenúncio da ruína da Chácara e de seus habitantes e de um novo tempo que se anuncia.

Sendo a morte de Nina a da própria Chácara, e revelando ela o domínio do mal e do pecado, põe o homem em conflito com Deus porque surge como violência contra o tabu moral da sexualidade, o que acaba por quebrar a rigidez das tradições que se manifestam na dinâmica de formas de vida repressivas, dispondo personagens que, estagnados em “supostas verdades”, deixam-se dominar pelas paixões da carne, pela mentira e pelo mal, ultrapassando os limites do proibido.

Se na *Crônica*, o homoerotismo aparece com o perfil de denúncia profética e testemunho antecipador de uma nova realidade prestes a se manifestar através da decomposição final de uma ordem social baseada na hipocrisia e na mentira, em *Grande sertão: veredas*, adquire a configuração de um longo processo ascético que conduz o indivíduo ao conhecimento de si e do mundo, levando a uma união, por assim dizer, mística, que só é possível com a perda irremediável do próprio objeto de amor buscado com afincos.

A paixão impossível de Riobaldo por Diadorim é um caminho que aquele terá de aprender a trilhar, como passagem obrigatória para um “destino melhor”:

“De Diadorim não me apartava. Cobiçasse de comer e beber os sobejos dele, queria pôr a mão onde ele tinha pegado. Pois, por quê? Eu estava calado, eu estava quieto. Eu estremecia sem tremer. Porque eu desconfiava mesmo de mim, não queria existir em tenção soez. Eu não dizia nada, não tinha coragem. O que tinha era uma esperança? Mesmo parava tempos no pensar numa mulher achada: Nhorinhá, a minha moça Rosa’uarda, aquela mocinha Miosótis. Mas o mundo falava, e em mim tonto sonho se desmanchando, que se esfiapa com o subir do sol, feito neblina noruega movente no frio de agosto.

A noite que houve, em que eu, deitado, confesso, não dormia; com dura mão sofri meus ímpetos, minha força desperdiçada; de tudo me prostrei. Ao que me veio uma ânsia. Agora eu queria lavar meu corpo debaixo da cachoeira branca dum riacho, vestir terno novo, sair de tudo o que eu era, para entrar num destino melhor.”<sup>5</sup>

Mas é somente com a perda de Diadorim que se abrirá para Riobaldo a possibilidade de compreender em profundidade seu próprio destino. Suas crenças, seus valores, o respeito aos códigos do sertão, tudo isso o impedia de vislumbrar com nitidez a extensão de seu sentimento por Diadorim, razão por que prefere sufocar esse mesmo sentimento, na tentativa de transformá-lo apenas numa mera amizade, mas que não pressuporia, para a manutenção de sua identidade de jagunço, o desejo homoerótico. Nesse sentido, manter-sei-ia um corte profundo entre a homosociabilidade<sup>6</sup> e o homoerotismo.

O desejo homoerótico, para Riobaldo, sendo reconhecido e negado a um só tempo, configura-se como o próprio impasse de viver e é, paralelamente, a abertura necessária para uma perspectiva transcendente. O homoerotismo em *Grande sertão: veredas*, portanto, como impossibilidade prática e teórica, não pode ser uma forma unificadora de espiritualidade, mas o momento de crise radical de sentidos, valores e linguagens, num movimento absoluto de entrega, despojamento e abandono.

---

<sup>5</sup> ROSA, João Guimarães de. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, pág. 240.

<sup>6</sup> Entende-se a homosociabilidade, segundo Eve Kosofsky Sedgwick, como a articulação num todo coerente da extensa rede de práticas sociais intragenéricas, através das quais se mantêm e se regulam os laços de solidariedade e de colaboração, por um lado, ou de rivalidade e de competição, por outro, entre aqueles indivíduos que se identificam como pertencentes ao mesmo gênero. De uma forma ou de outra, as relações homosociais sempre pressupõem e reforçam uma cumplicidade básica entre homens ou mulheres.

Utilizando nomenclatura de Barcellos (1998), se na *Crônica* se tem uma espiritualidade profética e martirial, em *Grande Sertão*, presentifica-se uma espiritualidade do êxodo e da transfiguração.

“Meio arrependido do dito, puxei outra conversa com Diadorim; e ele me contrariou com desresposta, com o pique de muita solércia. Me lembro de tudo. O que me deu raiva. Mas, aos poucos, essa raiva minou num gosto concedido. Deixei em mim. Digo ao senhor: se deixei, sem pejo nenhum, era por causa da hora – a menos sobra de tempo, sem possibilidades, a espera de guerra. Ao que, alforriado me achei. Deixei meu corpo querer Diadorim; minha alma? Eu tinha recordação do cheiro dele. Mesmo no escuro, assim, eu tinha aquele fino das feições, que eu não podia divulgar, mas lembrava, referido, na fantasia da idéia. Diadorim – mesmo o bravo guerreiro – ele era para tanto carinho: minha repentina vontade era beijar aquele perfume no pescoço: a lá, aonde se acabava e remansava a dureza do queixo, do rosto...Beleza – o que é? E o senhor me jure! Beleza, o formato do rosto de um: e que para outro pode ser decreto, é, para destino destinar...E eu tinha de gostar tramadamente assim, de Diadorim, e calar qualquer palavra. Ele fosse uma mulher, e à-alta e desprezadora que sendo, eu me encorajava: no dizer paixão e no fazer – pegava, diminuía: ela no meio de meus braços! Mas, dois guerreiros, como é, como iam poder se gostar, mesmo em singela conversação – por detrás de tantos brios e armas? Mais em antes se matar, em luta, um o outro. E tudo impossível. Três-tantos impossível, que eu descuidei, e falei: –... Meu bem, estivesse dia claro, e eu pudesse espiar a cor de seus olhos... –; o disse, vagável num esquecimento, assim como estivesse pensando somente, modo se diz um verso. Diadorim se pôs pra trás, só assustado. – O senhor não fala sério? – ele rompeu e disse, se desprazendo. “O senhor” – que ele disse. Riu mamente. Arrepio como recaí em mim, furioso com meu patetear. – Não te ofendo, mano. Sei que tu é corajoso... – eu disfarcei, afetando que tinha sido brincadeira de zombarias, recompondo o significado. Aí, e levantei, convidei para se andar. Eu queria airar um tanto. Diadorim me acompanhou.”<sup>7</sup>

A esse movimento de epifania da verdade, da sua *verdade*, Riobaldo retrai-se imediatamente, “recompondo o significado”, ou seja, o desejo homoerótico dá lugar à homossociabilidade da identidade masculina convencional, sendo dramatizado e eliminado esse mesmo desejo, por ser convertido em motivo de chacota e pilhéria. Nesse movimento de conversão, é o discurso que obumbra a manifestação da verdade, nesse caso o desejo homoerótico, reduzindo-a aos estreitos limites dos padrões que vigem no seio da comunidade a que Riobaldo e Diadorim pertencem, padrões esses que inviabilizam a manifestação espontânea do homoerotismo, só mesmo permitindo a identificação homossocial, que é, portanto, buscada por Riobaldo enquanto única forma de salvação.

---

<sup>7</sup> ROSA, 1988, pág. 436.

No final do romance, quando, após a descoberta da verdadeira identidade de Diadorim, Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins, a personagem Riobaldo puder, enfim, aceitar inexoravelmente seu amor, sem a culpa da transgressão aos códigos sociais, perceberá que “aquela era a hora do mais tarde...” O homoerotismo se converterá em eterna “neblina”, uma passagem valiosa para um estágio de conhecimento de si próprio e do mundo, como diz Barcellos (1998), “através do dom, através da dor – Diadorim”.

Percebe-se, destarte, que a morte de Diadorim, em *Grande sertão: veredas*, é a representação da salvação de Riobaldo, marcado também, assim como Timóteo, na *Crônica*, pela “falha trágica” de que anteriormente já se falou. No entanto, se a morte e a decomposição são elementos que se encontram inextricavelmente ligados à figura deste último, configurando um quadro de sofrimento e tragicidade, largamente explorado por Lúcio Cardoso quando do relato dos últimos momentos de Timóteo, a personagem Riobaldo consegue superar essa mesma “falha trágica”, vislumbrando uma nova forma de vida:

“Tinha de ser Zé Bebelo, para isso. Só Zé Bebelo, mesmo, para meu destino começar de salvar. Porque o bilhete era para o Compadre meu Quelemém de Góis, na Jijujã – Vereda do Buriti Pardo. Mais digo? O senhor vá lá. No tempo de maio, quando o algodão lãlá. Tudo o branquinho. Algodão é o que ele mais planta, de todas as modernas qualidades: o rasga-letras, bibol, e mussulim. O senhor vai ver pessoa de tal rareza, como perto dele todo-o-mundo pára sossegado, e sorridente, bondoso... Até com o Vupes lá topei (...)

Cerro. O senhor vê. contei tudo. Agora estou aqui, quase barranqueiro. Para a velhice vou, com ordem e trabalho. Sei de mim? Cumpro. O Rio de São Francisco – que de tão grande se comparece – parece é um pau grosso, em pé, enorme... Amável o senhor me ouviu, minha idéia confirmou: que o Diabo não existe. Pois não? O senhor é um homem soberano, circunspecto. Amigos somos. No-nada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia.”<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> ROSA, 1988, págs. 537 e 538.

## Referências Bibliográficas

BARCELLOS, José Carlos . “Identidades problemáticas: configurações do homoerotismo masculino em narrativas portuguesas e brasileiras (1881-1959). *Boletim do Centro de Estudos Portugueses*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v. 18, n. 23, julho/dezembro, 1998.

CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

ROSA, João Guimarães de. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

TODA IGLESIA, María Ángeles. “That horrible, horrible fate of mine!”: el héroe homosexual en el decadentismo. *Stylistica*, Sevilha, n.4, p. 85-91, 1995-1996.